ISSN: 2358-8829

ENSINAR HISTÓRIA COM MÚSICA: CULTURA, RESISTÊNCIA E ESCRAVIDÃO NA OBRA DE JORGE BEN JOR

João Gabriel de Araújo Silva [1]
Patrícia Cristina de Aragão[2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de um interesse pessoal pela música popular brasileira (MPB), linguagem presente em minha trajetória e capaz de despertar formas sensíveis de perceber o mundo. Entre os artistas dessa cena, Jorge Ben Jor destaca-se não apenas por sua singularidade rítmica, mas pelas reflexões que sua obra possibilita ao mobilizar concepções de tempo vinculadas a perspectivas afro-indígenas. Essa aproximação evidenciou o potencial de conectar a experiência estética e afetiva da música ao conhecimento histórico em sala de aula, provocando reflexões sobre a permanência de canções compostas há décadas que continuam a mobilizar identidades, memórias e sentimentos de pertencimento.

Longe de se restringir ao entretenimento, a canção popular atua como um espaço de produção e preservação de memórias, afirmação de identidades e visibilidade a trajetórias historicamente silenciadas. No contexto cultural brasileiro, a obra de Jorge Ben Jor constitui-se como uma fonte histórica rica em simbolismos e como um recurso valioso para o ensino de História. Suas composições expressam conflitos, lutas e transformações sociais, permitindo problematizar as narrativas tradicionais e compreender aspectos da sociedade que atravessam gerações e permanecem vivos na memória coletiva.

Teoricamente, a pesquisa fundamenta-se nas contribuições de Circe Bittencourt (2008), sobre a mediação docente no uso de múltiplas linguagens no ensino, e de Marcos

[1] Graduando do Curso de licenciatura plena em história da Universidade Estadual da Paraíba - PB, araujo.joao@aluno.uepb.edu.br;
[2] Professora orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Docente em História, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), PB, patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br. patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br .

Napolitano (2002), referente à articulação das dimensões sociais, estéticas e históricas da música popular. O debate expande-se em diálogo com Carlo Ginzburg (1991), Camilo Vannuchi (2026), Bárbara Carine (2023), Lilia Moritz Schwarcz (2012) e Paulo Freire (2019), cujas reflexões auxiliam no exame da micro-história, da memória, da educação antirracista e do compromisso social da cultura. Soma-se a esse aporte a literatura especializada sobre o próprio artista, permitindo contextualizar sua produção nas transformações políticas e culturais do Brasil nos anos 1970.

Nesse horizonte de análises, destacam-se os álbuns *A Tábua de Esmeralda* (1974), *Negro é Lindo* (1971) e *África Brasil* (1976), selecionados como eixos centrais do estudo por abrigarem narrativas sobre a experiência negra no país. Ao cruzar temas como religiosidade, futebol, negritude e o combate ao mito da democracia racial, Jorge Ben Jor articula ancestralidade e cotidiano. A investigação dessas obras permite problematizar temas como a escravidão e as formas de resistência, abrindo novas interpretações para os conteúdos curriculares de História a partir da cultura afro-brasileira.

Assim, o artigo tem por objetivo analisar as potencialidades pedagógicas da obra de Jorge Ben Jor no ensino de História, tomando suas canções como fontes constitutivas do conhecimento e da consciência histórica. O ineditismo do trabalho reside na articulação sistemática entre os três discos selecionados e o estudo da resistência negra, da escravidão e da cultura afro-brasileira. Busca-se, portanto, examinar os sentidos e elementos simbólicos dessas narrativas musicais para fundamentar uma prática docente crítica, contextualizada e alinhada às vivências dos estudantes.

ENTRE SONS E HISTÓRIAS: A MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA E RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA.

A música ocupa um lugar significativo na formação cultural brasileira, acompanhando diferentes momentos da história do país e expressando a diversidade de experiências que constituem sua sociedade. Ao longo do tempo, essas expressões musicais se transformaram, incorporando novos ritmos, sonoridades e significados, em diálogo com as mudanças sociais, políticas e históricas do país.

Da música religiosa ao heavy metal, passando por uma ampla diversidade de gêneros e manifestações culturais, a música expressa experiências, identidades e conflitos que atravessam a sociedade brasileira. Desse modo, sua trajetória está profundamente

ISSN: 2358-8829

relacionada à própria história do Brasil, constituindo uma possibilidade de compreender as múltiplas experiências que marcaram a formação cultural do país.

Nessa perspectiva, Napolitano (2002, p. 39) afirma que as formas de pensamento construídas em torno da música popular brasileira "carregam em si as marcas de uma historicidade peculiar". A partir dessa compreensão, as canções podem ser analisadas como produções culturais que expressam as condições de seu tempo, revelando tensões, transformações sociais e disputas de memória. Desse modo, sua abordagem contribui para a construção do conhecimento histórico e amplia as possibilidades de interpretar as experiências que marcaram a sociedade brasileira.

No ensino de História, a música pode ser utilizada como fonte para investigar as relações entre produção cultural e contexto histórico, aproximando os estudantes dos processos sociais que marcaram diferentes períodos. Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire, cuja concepção de educação valoriza o diálogo, a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento.

A partir dessa abordagem, o professor pode incentivar questionamentos sobre quem produziu a canção, em que circunstâncias, para qual público e por quais meios ela circulou. Essas questões permitem compreender que a música não está separada da sociedade, mas participa de suas experiências, conflitos e transformações, contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes.

Entretanto, inserir uma música em sala de aula não significa, necessariamente, trabalhá-la como fonte histórica. Quando utilizada apenas para acompanhar uma explicação ou tornar a aula mais dinâmica, a canção assume uma função predominantemente ilustrativa, limitando suas possibilidades de análise. Para superar essa abordagem, o professor precisa desenvolver uma mediação pedagógica que incentive os estudantes a investigar a produção, os sentidos e as circunstâncias históricas da obra. Em consonância com a perspectiva freireana, esse trabalho deve estimular o diálogo entre os conhecimentos escolares e as experiências dos estudantes, permitindo que formulem interpretações, questionem representações sociais e relacionem o conteúdo histórico à realidade em que vivem. Desse modo, a música deixa de apenas complementar o conteúdo e passa a constituir um objeto de investigação histórica.

ISSN: 2358-8829

Essa investigação não deve se restringir às letras, pois os sentidos de uma canção também são construídos pelas sonoridades, pelas condições de produção e pelas relações sociais envolvidas em sua trajetória. O contexto político, por exemplo, pode influenciar tanto a criação quanto a recepção das músicas, como ocorreu durante a ditadura militar brasileira, marcada pela censura e por disputas em torno da liberdade de expressão (NAPOLLITANO, 2023). Além disso, a circulação das canções por meios como o rádio, a imprensa e o mercado fonográfico influenciam sua recepção e sua presença na sociedade.

No ensino de História, a análise desses aspectos permite aos estudantes compreender como a música se relaciona com as experiências de seu tempo, investigar quais artistas e produções alcançaram maior visibilidade e identificar experiências historicamente marginalizadas. Dessa forma, a articulação entre contexto, produção e circulação contribui para uma interpretação crítica da música como fonte histórica, evidenciando seu papel nas disputas culturais e na construção da memória coletiva.

Por fim, problematizar a música como fonte histórica exige reconhecer que uma canção não representa automaticamente a realidade, pois resulta de escolhas, perspectivas e formas particulares de interpretar o mundo. Cabe ao professor orientar os estudantes na análise articulada da letra, da sonoridade, do contexto, da produção e da circulação, relacionando esses elementos aos processos históricos estudados. Essa abordagem também permite aproximar os conteúdos escolares das experiências culturais presentes no cotidiano dos alunos, sem abrir mão do rigor da investigação histórica. Ao ouvir, interpretar e contextualizar uma canção, os estudantes podem refletir sobre a construção de memórias, identidades e conflitos sociais, estabelecendo relações críticas entre passado, presente e sociedade.

DA TÁBUA DE ESMERALDA (1974) À ÁFRICA BRASIL (1976): ANCESTRALIDADE, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA OBRA DE JORGE BEN JOR

A trajetória singular de Jorge Ben Jor, considerado por muitos fãs uma lenda da música brasileira, destaca-se pela combinação de ritmos, referências culturais e temas históricos em uma produção artística própria. O músico carioca conquistou projeção em meio às transformações políticas e culturais da segunda metade do século XX, período

ISSN: 2358-8829

este referente a ***ditadura empresarial-militar***[1] instaurada em 1964, marcada pela censura e pela repressão a diferentes manifestações artísticas.

Lançado em 1974, o álbum *A Tábua de Esmeralda* reúne composições emblemáticas como "Os Alquimistas Estão Chegando os Alquimistas", "O Homem da Gravata Florida", "Errare Humanum Est" e a faixa-título. As canções exploram referências à alquimia e a diferentes tradições filosóficas, reinterpretadas por meio de uma linguagem singular que incorpora a ancestralidade afro-brasileira. Ao aproximar a alquimia de matrizes negras, o artista ressignifica saberes frequentemente associados apenas às tradições europeias. Em sala de aula, faixas como "Os Alquimistas Estão Chegando os Alquimistas" e "O Homem da Gravata Florida", que menciona Paracelso, permitem discutir a produção intelectual entre a Idade Média e a Modernidade, desmistificando a ideia de um período medieval estagnado e valorizando a diversidade de saberes em seus contextos históricos.

Essa articulação entre música, memória e identidade ganha força política na representação de sujeitos históricos negros, atuando como espaço de preservação e transmissão de conhecimentos historicamente marginalizados. Essa perspectiva manifesta-se com clareza na canção *"Xica da Silva*", presente no álbum *África Brasil* (1976), que recupera a trajetória de uma mulher negra de destaque na sociedade colonial mineira. Ao apresentá-la em sua complexidade e prestígio, a composição contrapõe-se ao apagamento histórico e aos estereótipos tradicionais. Pedagogicamente, a faixa funciona como uma biografia musical que permite problematizar as hierarquias de poder, a mobilidade social e as contradições do período colonial. Sob a ótica da ***micro-história desenvolvida por Carlo Ginzburg (1991)***[2], a análise dessa trajetória particular oferece elementos para compreender dinâmicas sociais mais amplas, sem tomar a exceção individual como prova de igualdade racial.

---

[1] *A expressão ditadura empresarial-militar enfatiza a participação de setores empresariais na articulação do golpe de 1964 e na sustentação do regime autoritário, para além da atuação das Forças Armadas. Essa interpretação encontra respaldo na obra do cientista político René Armand Dreifuss, 1964: a conquista do Estado (1981).*

[2] *A micro-história abordagem historiográfica que analisa experiências individuais ou locais para compreender dinâmicas e contextos sociais mais amplos. Uma das principais referências desse campo é a obra O queijo e os vermes (1991), de Carlo Ginzburg.*

(...) A imperatriz do Tijuco
A dona de Diamantina
Morava com a sua corte
Cercada de belas mucamas
Num castelo, na chácara, na palha
De arquitetura sólida e requintada
Onde tinha até um lago artificial
E uma luxuosa galera
Que seu amor João Fernandes, o contratador
Mandou fazer, só para ela (...)

Trecho da canção "Xica da Silva" (*África Brasil*, 1976)

O potencial didático dessa faixa amplia-se ao considerar sua articulação com o filme homônimo de Cacá Diegues (1976), estrelado por Zezé Motta, para o qual a música serviu de trilha sonora. Em sala de aula, a canção ultrapassa a função de recurso ilustrativo para se constituir como fonte histórica plena, capaz de instigar o debate crítico sobre representação, linguagens e disputas de memória.

Com força semelhante, a figura de Zumbi dos Palmares, presente no album *A Tábua de Esmeralda* (1974) e retomada em *África Brasil* (1976), consolida-se como outro eixo analítico fundamental. Já em seus versos iniciais, o artista cita variados territórios africanos, evidenciando a riqueza cultural e a diversidade das populações trazidas pelo tráfico atlântico:

(...) Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quiloa Rebolo
Aqui onde estão os homens
Dum lado cana de açúcar
Do outro lado o cafezal
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas (...)

Trecho da canção "Zumbi" (*A Tábua de Esmeralda*, 1974 / *África Brasil*, 1976)

ISSN: 2358-8829

Ao entrelaçar a exploração do trabalho colonial nas plantações ao protagonismo da resistência quilombola, a canção desconstrói a visão passiva da população escravizada. No ensino de História, a obra permite articular a linguagem musical à investigação do passado, discutindo o tráfico atlântico, a diversidade dos povos africanos e a organização dos quilombos como espaços de luta e preservação cultural. A mediação docente a partir dessa faixa favorece o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, ao conectar a memória de Zumbi e a cultura afro-brasileira aos desafios contemporâneos.

A AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE NA SOCIEDADE BRASILEIRA POR MEIO DAS CANÇÕES DE JORGE BEN JOR NOS ÁLBUNS NEGRO É LINDO (1971) E ÁFRICA BRASIL (1976): ABORDAGENS EM SALA DE AULA

A escravidão ocupa um lugar significativo na produção de Jorge Ben Jor, especialmente por meio de referências à história, à cultura e às experiências da população negra no Brasil. Em álbuns como Negro é Lindo (1971) e África Brasil (1976), o artista aborda essa trajetória para além da violência, da exploração e do sofrimento impostos pelo sistema escravista, destacando também a ancestralidade, a construção de identidades e as formas de resistência. Desse modo, sua obra contribui para compreender a história da população negra como um processo marcado não apenas pela opressão, mas também pelo protagonismo e pela afirmação cultural.

Essa perspectiva torna-se evidente no álbum Negro é Lindo (1971), no qual a valorização da identidade negra constitui uma forma de enfrentamento às representações negativas historicamente atribuídas à população afro-brasileira. Na canção homônima, Jorge Ben Jor afirma: “Negro é lindo, (oh-oh-oh) / Negro é amor / Negro é amigo, (oh-oh-oh)”. Ao associar a negritude à beleza, ao afeto e à amizade, o artista contrapõe-se a padrões e representações que historicamente inferiorizaram a população negra. A composição também expressa o desejo de um futuro digno para as novas gerações, ao projetar a expectativa de ver o filho “nascer e crescer / E ser um campeão”. No ensino de História, a análise da canção permite discutir como a música atua na afirmação da identidade negra e na contestação do racismo, além de problematizar as permanências da escravidão após sua abolição legal e as desigualdades que ainda marcam as disputas por reconhecimento, valorização e igualdade social.

ISSN: 2358-8829

Em África Brasil, essa relação entre passado e identidade é aprofundada por meio da recuperação de personagens, símbolos e referências ligados à história afro-brasileira. A presença de Zumbi dos Palmares, como apresentado anteriormente, é particularmente significativa, pois o personagem é apresentado como símbolo de resistência e de luta contra a escravidão. Ao recuperar sua trajetória, Jorge Ben Jor contribui para colocar no centro da narrativa um sujeito negro que rompe com a imagem passiva frequentemente associada aos escravizados. A memória de Zumbi, portanto, ultrapassa a simples lembrança de um personagem histórico e assume um sentido de afirmação, resistência e liberdade.

A representação da escravidão na música de Jorge Ben Jor permite compreender a população negra como protagonista de sua própria história. A resistência não deve ser entendida apenas como reação direta ao sistema escravista, mas também como preservação de valores culturais, construção de identidades e manutenção de memórias. Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire (1996), em Pedagogia da autonomia, ao defender uma prática educativa que respeite a liberdade dos educandos e estimule sua autonomia. No ensino de História, essa abordagem possibilita questionar narrativas que apresentam os sujeitos negros exclusivamente pela submissão, reconhecendo suas experiências, seus saberes e suas formas de resistência.

Ao recuperar referências africanas e afro-brasileiras, Jorge Ben Jor transforma a ancestralidade e a identidade negra em elementos centrais de sua produção musical. Essa abordagem permite estabelecer relações entre o passado escravista e problemas que permaneceram na sociedade brasileira após a abolição, como o racismo, a marginalização social e a desvalorização das culturas afro-brasileiras. Em Pedagogia da autonomia, Freire (1996) ressalta a importância de uma prática educativa comprometida com a formação crítica dos sujeitos. Nesse sentido, o trabalho com as canções pode incentivar os estudantes a investigar as permanências históricas das desigualdades raciais, compreendendo que o fim legal da escravidão não significou a superação das estruturas sociais construídas durante séculos de escravização.

A obra de Jorge Ben Jor também permite compreender a escravidão como um processo histórico cujos significados continuam sendo disputados e ressignificados no presente. Ao abordar personagens como Zumbi e valorizar referências africanas e afro-brasileiras, o artista contribui para ampliar as formas de interpretar a memória da escravidão e o

ISSN: 2358-8829

protagonismo negro. Essa perspectiva relaciona-se à concepção freireana de educação como intervenção no mundo, segundo a qual o processo educativo não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas favorecer a reflexão sobre a realidade. Assim, as canções podem estimular os estudantes a questionar interpretações naturalizadas do passado e a reconhecer as relações entre memória, identidade e desigualdade social.

Nesse processo, o professor desempenha um papel fundamental ao organizar situações de aprendizagem que incentivem o diálogo, a curiosidade e a participação dos estudantes. Freire (1996) destaca a importância de respeitar a autonomia dos educandos e criar condições para que desenvolvam suas próprias capacidades de reflexão. Dessa maneira, Negro é Lindo e África Brasil podem ser trabalhadas como fontes históricas, possibilitando discussões sobre escravidão, resistência, identidade e permanências sociais. Em vez de apresentar respostas prontas, o professor pode propor questões sobre as representações da população negra nas canções, seus contextos de produção e os sentidos históricos que mobilizam, favorecendo a construção compartilhada do conhecimento.

Portanto, a articulação entre a música de Jorge Ben Jor e as contribuições de Paulo Freire amplia as possibilidades de abordagem da escravidão no ensino de História. Ao reconhecer a população negra para além da condição de vítima, essa proposta valoriza suas experiências culturais, suas formas de resistência e seu protagonismo na formação da sociedade brasileira. A prática pedagógica, fundamentada no diálogo e na reflexão crítica, permite aproximar os conteúdos históricos das experiências dos estudantes e questionar representações que reproduzem desigualdades raciais. Dessa forma, a música torna-se uma mediação didática que contribui para a autonomia intelectual dos educandos e para uma compreensão crítica das relações entre passado e presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, a música apresenta um universo importante de conhecimentos sobre determinada realidade e suas particularidades, permitindo compreender aspectos sociais, culturais, políticos e históricos de diferentes épocas. Nesse sentido, a obra de Jorge Ben Jor demonstra como a produção musical pode ultrapassar a dimensão do entretenimento e constituir-se como uma fonte de investigação histórica, capaz de preservar memórias, expressar identidades e dar visibilidade a experiências frequentemente marginalizadas. Ao explorar referências à cultura afro-brasileira, à

ancestralidade, à escravidão e à resistência negra, suas composições oferecem possibilidades de interpretação do passado para além das narrativas tradicionais.

O objetivo deste trabalho foi apresentar e discutir as potencialidades do uso de canções no ensino de História, especialmente aquelas que compõem a trajetória musical de Jorge Ben Jor, como possibilidades de abordagem de diferentes conteúdos históricos em sala de aula. A análise dos álbuns Negro é Lindo (1971), A Tábua de Esmeralda (1974) e África Brasil (1976) permitiu identificar diferentes caminhos para discutir identidade, valorização da negritude, ancestralidade, cultura, escravidão e resistência negra. Essas produções demonstram como a música popular brasileira pode contribuir para ampliar o repertório de fontes utilizadas na construção do conhecimento histórico.

No ensino de História, trabalhar essas produções significa reconhecer a música como fonte histórica e recurso didático, cuja utilização exige planejamento, contextualização e mediação docente. Conforme as contribuições de Circe Bittencourt (2008) e Marcos Napolitano (2002), diferentes linguagens culturais podem participar da construção do conhecimento histórico, desde que sejam submetidas à análise crítica. Dessa maneira, as canções de Jorge Ben Jor podem aproximar os conteúdos escolares das experiências culturais dos estudantes, estimulando a interpretação das representações do passado e o desenvolvimento da consciência histórica. Além disso, permitem fortalecer discussões sobre relações raciais e educação antirracista, em diálogo com as reflexões de Lilia Moritz Schwarcz (2012) e Bárbara Carine (2023).

É importante reconhecer, entretanto, que as discussões desenvolvidas neste trabalho possuem um caráter introdutório e não esgotam as possibilidades de investigação da obra de Jorge Ben Jor. A amplitude de sua produção musical e a diversidade de referências presentes em suas composições permitem aprofundamentos que ultrapassam os limites desta pesquisa. Nesse sentido, outros estudos poderão explorar de maneira mais detalhada as relações entre música, história africana, cultura afro-brasileira, ancestralidade e educação antirracista, inclusive por meio de propostas de intervenção pedagógica.

Por fim, a música no ensino de História deve ultrapassar a função de ilustração de acontecimentos, constituindo-se como fonte de problematização das experiências humanas e das relações historicamente construídas. Assim, a obra de Jorge Ben Jor apresenta potencialidades pedagógicas para valorizar a cultura afro-brasileira, reconhecer

o protagonismo negro e ampliar as possibilidades de construção do conhecimento histórico, contribuindo para uma educação crítica e comprometida com a diversidade.

Palavras-chave: Ensino de História; Música popular brasileira; Jorge Ben Jor; Educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (org.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa.** 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021.

AMARAL, Marcos Henrique do. **O Samba Esquema Novo no interlúdio entre bossa nova e MPB.** Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 7, n. 15, p. 7-25, 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Fundamental).

CRUZ, Paulo Roberto dos Santos Bezerra. **Entre esquerda e direita, negro: política, filosofia e ancestralidade na obra de Jorge Ben Jor**. 2024. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2024.

DA ROSA, Allan. **Pedagoginga, autonomia e mocambagem.** São Paulo: Jandaíra, 2019.

DA ROSA, Allan; FAUSTINO, Deivison. **Balanço afiado: estética e política em Jorge Ben.** São Paulo: Perspectiva; Fósforo, 2023.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações.** In: GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. cap. 7, p. 203-214.

MELO, Rafael Pereira. **O universo de Jorge Ben em África Brasil: cultura, música e comunicação.** 2015. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

NASCIMENTO, Alam D'Ávila do. **Para animar a festa: a música de Jorge Ben Jor.** 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120 p. (Coleção História &... Reflexões, 2).

NAPOLITANO, Marcos. **A síncope das ideias: a questão da tradição na música popular brasileira.** 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. (Coleção História do Povo Brasileiro).

OLIVEIRA, Luciana**. África Brasil (1976): uma análise midiática do álbum de Jorge Ben** Jor. In: Contemporânea | comunicação e cultura, vol.10, n.01, p. 158 – 174, junho 2012.

VANNUCHI, Camilo. **Nunca mais: os bastidores da maior denúncia contra a tortura já feita no Brasil.** São Paulo: Discurso Direto, 2025. 236 p.

VIEIRA, Vinícius Rodrigues. **Democracia racial, do discurso à realidade: caminhos para a superação das desigualdades sociorraciais brasileiras**. São Paulo: Paulus, 1998.